



- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*

APRENDER A SER

«TER» E «SER» NA EXPERIÊNCIA QUOTIDIANA

Como a sociedade em que vivemos se orienta para a aquisição de bens e para a obtenção de lucros, raramente se torna patente o modo de existência centrado no **ser**. A maioria das pessoas considera o modo de existência baseado no **ter** como o mais natural e mesmo como a única forma de vida aceitável.

Ora o **ser** e o **ter** são duas formas de existir claramente distintas, ambas profundamente enraizadas na experiência humana e ambas reflectindo-se no quotidiano da vida.

Os exemplos simples que se seguem poderão ajudar a compreender como estes dois modos alternativos da existência se revelam na experiência quotidiana.

A FORMA DE APRENDER

Os estudantes centrados no modo de existência baseado no **ter** assistirão a uma aula ou a uma conferência anotando as palavras do orador e procurando compreender a sua estrutura lógica e o seu significado, de modo a terem possibilidade de, mais tarde, memorizar os apontamentos e passar no exame. O conteúdo, porém, não se converte em parte integrante do seu sistema individual de pensamento, enriquecendo-o e ampliando-o. Pelo contrário: as palavras que ouvem transformam-se em esquemas fixos de pensamento ou em teorias acabadas, que se comprazem em armazenar. Estudante e lição permanecem, assim, como duas realidades estranhas uma à outra. Apenas acontece que o estudante se torna «dono» de uma série de afirmações feitas por alguém (que, por sua vez, ou as criou ou as recolheu de alguma outra fonte).

O processo de aprendizagem baseado no **ser** tem uma qualidade inteiramente diferente. Para começar,

os estudantes que assim perspectivam a sua aprendizagem não participam numa conferência (mesmo que seja a primeira de um curso) como simples tábuas rasas. Reflectem previamente sobre os problemas a tratar e têm em mente um certo número de questões que pretendem aprofundar. Em vez de se apresentarem como meros receptores passivos de palavras e ideias, reagem e respondem de forma activa e produtiva àquilo que lhes é transmitido. O que ouvem estimula o seu próprio processo de pensamento, dando origem a novas questões, novas ideias, novas perspectivas. A sua audição é, assim, um processo vivo. Escutam com interesse, ouvem o que o orador diz e espontaneamente reagem em resposta ao que ouvem. Não se limitam a adquirir conhecimentos com o objectivo de os levar para casa e memorizar. Cada estudante é afectado pelo que ouve: é diferente, depois da lição, daquilo que era antes dela.

A FORMA DE RECORDAR

Do mesmo modo, a forma que cada um de nós tem de **recordar** o que viveu pode ocorrer segundo a modalidade do **ser** ou segundo a modalidade do **ter**. O que distingue, fundamentalmente, as duas modalidades é o tipo de conexão que se estabelece entre a pessoa e a recordação.

Ao recordar, segundo a modalidade do **ter**, a conexão é inteiramente mecânica: relacionam-se as palavras pela frequência com que aparecem, pela lógica da sua oposição ou da sua convergência, por associações ligadas ao espaço, ao tamanho, à cor, ou mesmo ao seu enquadramento num dado sistema de pensamento.

Segundo a modalidade do **ser**, recordar é fazer um apelo activo a palavras, ideias, perspectivas, imagens, sons; ou seja, relacionar dados singulares com muitos outros com que estão ligados. As conexões, no caso do **ser**, não são nem puramente mecânicas nem puramente lógicas: são vivas. Um conceito é relacionado com outro por um acto de pensamento produtivo que é mobilizado quando se procura a palavra adequada. Um simples exemplo: se associo a palavra «dor» ou «aspirina» com «dor de cabeça», faço uma associação lógica convencional. Mas se associo a palavra «tensão» ou «cólera» com «dor de cabeça», ligo certos dados com as suas possíveis consequências e entro assim num acto de pensamento produtivo.

Ao recordarmos uma imagem ou um cenário segundo a modalidade do **ter**, tudo se passa como se olhássemos para uma fotografia ou como se tirássemos uma cópia a papel químico. Pelo contrário, recordar segundo a modalidade do **ser** implica trazer à vida o que anteriormente vimos ou ouvimos. Experimentamos este recordar produtivo, tentando, por exemplo, rever a face de uma pessoa ou um cenário já conhecido. Não seremos capazes de o recordar instantaneamente: temos de o recriar, de o tornar **vivo** na nossa mente.

A FORMA DE CONVERSAR

A diferença entre as modalidades do **ter** e do **ser** pode facilmente observar-se em dois tipos de conversa.

Consideremos uma conversa tipo «debate» entre duas pessoas em que **A** tem a opinião *x* e **B** a opinião *y*. O que se passa? Cada um se identifica com a sua opinião, preocupando-se em encontrar os argumentos mais razoáveis e convincentes para a defender. Ninguém espera mudar de opinião. Pelo contrário, cada um receia fazer face à mudança, precisamente porque ela traria consigo a perda de um objecto de posse, logo, um empobrecimento.

Em outros tipos de conversa, também na modalidade **ter**, a situação é diferente. Quem não experimentou, por exemplo, a emoção do encontro com uma pessoa que se considera importante ou de quem se espera alguma coisa (um bom emprego, por exemplo)? Em tais circunstâncias, a maioria das pessoas preocupa-se em pensar nos tópicos que possam interessar o outro, em preparar a forma de começar a conversa, em planear as palavras que deverá dizer...

Em contraste, estão aqueles que entram numa situação sem prepararem nada de antemão, mas prontos a responderem espontânea e produtivamente ao que lhes for proposto. Esquecem-se a si mesmos, deixam para trás os seus conhecimentos e as posições que têm. Os seus egos não se atravessam no caminho e, precisamente por isso, são capazes de responder criativamente à outra pessoa e às suas ideias.

TER CONHECIMENTOS E CONHECER

A diferença entre o **ter** e o **ser** face ao conhecimento é correntemente expressa em duas formulações: «tenho

conhecimentos» e «conheço». **Ter conhecimentos** é apropriar-se e manter-se na posse de conhecimentos considerados válidos em si, enquanto informação; **conhecer** é utilizar os conhecimentos como algo de funcional, que serve apenas como meio no processo do pensamento criativo.

Na perspectiva de alguns grandes pensadores — como Buda, os profetas hebreus, Eckhart, Sigmund Freud, Karl Marx, etc. — o conhecimento começa com a tomada de consciência do que há de ilusório na nossa percepção comum, quer no sentido de que a nossa imagem da realidade física não corresponde ao que é «realmente real», quer, principalmente, no sentido de que a maior parte das pessoas estão semi-acordadas semi-a-sonhar, e não têm consciência de que muitas das coisas que consideram verdadeiras e evidentes, são ilusões produzidas pela influência suggestionadora do mundo social em que vivem.

O acto de **conhecer** começa com o desfazer das ilusões, com a **des-ilusão**. Conhecer significa penetrar através da superfície a fim de chegar à raiz e, por conseguinte, às causas; significa «ver» a realidade na sua nudez. Conhecer não significa estar na posse da verdade; significa, sim, ultrapassar as aparências e lutar activamente por uma aproximação cada vez maior dessa verdade.

A nossa educação procura geralmente preparar as pessoas para **terem** conhecimentos como haveres, numa proporcionalidade directa com a propriedade e o prestígio social que provavelmente virão a gozar mais tarde na vida. Cada um tem direito ao conhecimento mínimo necessário para funcionar adequadamente no seu trabalho. Para além disso, recebe «um pacote de conhecimentos-de-luxo» destinado a alimentar o sentimento do seu valor. A dimensão de cada um destes pacotes varia de acordo com o prestígio social provável de cada pessoa.

O objectivo de uma educação virada para o **conhecer** não é alcançar a «verdade absoluta», como algo que nos venha dar segurança, mas a auto-afirmação do processo da razão humana.

O conhecimento no modo **ter** da existência é **possuir mais conhecimentos**; no modo **ser** da existência é **conhecer mais profundamente**.

A FÉ

Num sentido religioso, político ou pessoal, o conceito da fé pode ter dois significados inteiramente diferentes, dependente de ser usado segundo o modo de existência baseado no **ter** ou no **ser**.

Segundo o modo **ter**, a fé é a posse de uma resposta para a qual não há prova racional. Consiste em formulações criadas por outros — usualmente uma burocracia. Traz consigo o sentimento da certeza, em virtude do poder real (ou só imaginado) dessa burocracia. É o bilhete de entrada para aderir a um grupo amplo de pessoas que se consideram detentoras de um conhecimento último e imutável. Liberta da dura tarefa de cada um pensar por si e tomar decisões. A

pessoa torna-se um dos «*beati possidentes*», um dos felizes detentores do direito da fé. Deus, originariamente um símbolo do mais alto valor que podemos experimentar dentro de nós, torna-se, no modo *ter*, um ídolo. No conceito profético, um ídolo é uma *coisa* que nós próprios fazemos e onde projectamos o nosso poder, empobrecendo-nos a nós.

Segundo o modo *ser*, a fé é um fenómeno inteiramente diferente. Podemos nós viver sem fé? Pode o lactente deixar de ter fé no peito de sua mãe? Podemos nós todos deixar de ter fé nos outros seres, naqueles que amamos e em nós próprios? Podemos viver sem fé na validade das normas que regem a nossa vida? Sem fé, tornar-nos-íamos estéreis, desesperados, impregnados de medo até ao fundo de nós próprios.

Segundo o modo *ser*, a fé não é, em primeiro lugar, uma crença em certas ideias (embora também possa ser isso), mas uma *orientação interior*, uma *atitude*. Seria melhor dizer que alguém *está* na fé, do que dizer que alguém *tem* fé. Uma pessoa pode estar na fé em relação a si, em relação aos outros e em relação a Deus. O Deus do Antigo Testamento é, antes de mais, uma negação de ídolos, de deuses que se podem *ter*. Embora concebido em analogia com um Rei oriental, o conceito de Deus na tradição hebraica transcende-se a si mesmo. Deus não deve ter nome, dele não deverá ser feita nenhuma imagem.

Erich From
in «*To have or to be*»
Harper and Row, Ny 1976

APRENDER A DESAPRENDER

Aprendeí antes de mais:

- *Que não há nada a aprender. Não vos atrefeis, portanto, em tirar notas, em consultar bibliografia, em acumular saber. Quanto menos souberdes, mais sabereis. Quanto mais souberdes, menos sabereis.*
- *Que há duas espécies de regras: as que limitam e atrofiam e as que indicam as condições necessárias para fazer boa viagem (como, por exemplo, não carregar demais o saco, não partir antes do tempo, consultar o céu para saber que tempo fará, escolher com cuidado os companheiros de percurso). Rejeitai as primeiras, mesmo que vos sejam apresentadas como absolutas. Segui as segundas, mesmo que vos digam que são relativas.*

Aprendeí que nenhuma regra produz a verdade, que o horizonte permanece sempre horizonte (mesmo que mude de cor ao longo do caminho), que não é bom para o homem estar só.

Aprendeí a respirar, a comer, a dormir, a falar e a calar-vos. Aprendeí a ler. Aprendeí a servir-vos bem dos vossos olhos, dos vossos ouvidos e das vossas mãos. Aprendeí a aguentar-vos de pé. E aprendeí o que é a alma — sem risos nem troças, ignorantes!

Aprendeí, pois, a desaprender: é isso, sem dúvida, o mais difícil.

Não tenhais pressa, tomaí todo o tempo de que precisardes, de nada vos serve correr. Mas avançai sem demora: o tempo é curto e a urgência urge.

E se chegardes ao fim, não vos desencorajeis: às vezes chega-se ao cimo através de atalhos, atinge-se a meta quando se pensa que se está ainda nos primeiros passos.

De resto, o que fizerdes de melhor, fá-lo-eis talvez com o pior de vós mesmos.

Maurice Bellet
in «*Le lieu du combat*»
Desclée, Paris 1976

VIVER DE RESPOSTAS OU VIVER DE INTERROGAÇÕES?

O *homem da resposta* tem necessidade de certezas.

O *homem da interrogação* não tem necessidade de certezas. Basta-lhe a verdade e sem ela não pode viver.

O *homem da resposta* instala-se na segurança. Procura abrigos e refúgios.

O *homem da interrogação* sabe que não existe outra segurança senão a capacidade e a força interior necessárias para enfrentar, com a compreensão necessária, as situações e problemas que o dia-a-dia da vida traz consigo. Toda e qualquer outra segurança lhe parece ilusória.

Para o *homem da resposta*, os conhecimentos trans-

formam-se em coisas. Convertem-se em bens, em objectos de apropriação. Quanto mais respostas tiver à sua disposição, mais rico e bem equipado se sente. O saber é para ele um elemento do capital. Quanto mais respostas particulares uma pessoa for capaz de trazer aos diferentes sectores do saber institucionalizado, maior será o seu prestígio.

O *homem da interrogação* sabe que o saber assim definido, como *coisa* que tem uma realidade em si mesma, é uma ilusão. Para ele não há outro saber senão o da sua relação única e particular com a fracção do universo interior e exterior onde se encontra

situado e onde é chamado a agir. Não ignora a importância da comunicação humana, da comunidade das consciências e da necessidade do reconhecimento mútuo. Sabe que, na grande empresa de conhecer, de julgar e de construir, é sustentado pelo conjunto da ordem humana de que é um elo e um ponto de chegada. Mas sabe também que é na solidão do seu espírito e do seu coração que ele é levado a escolher e a decidir. Ali reside o fundamento da sua responsabilidade, onde quer que ela se exerça.

O homem da resposta apoia-se na lógica. A sua necessidade de certezas encontra o seu elemento natural e a sua base de apoio em métodos que, com o seu arsenal de provas, de deduções, de raciocínios encaixados e interligados, conduzem a uma demonstração irrefutável da Verdade. Essa Verdade — idêntica a si própria, independente do tempo e do espaço — traz plena satisfação aos espíritos, pois protege-os contra aquilo que eles mais receiam no mundo: a mudança.

O homem da interrogação é o homem da dialéctica, quer dizer: o homem da abordagem simultaneamente científica e prática. Ele tomou consciência de que a lógica não é senão um dos aspectos — certamente o mais relativo — da percepção que cada um de nós pode ter do seu mundo. Para ele, agarrar a realidade do universo, conhecê-la cientificamente, isto é, dialecticamente, é apreender cada objecto da experiência não só na sua diversidade, mas também na sua mudança: ele e o mundo como realidade em mudança. Isto quer dizer que o elemento em que este tipo de homem se situa, pensa e age é o *dever* ou, ainda para além disso, a *vida*. O *dever* e a *vida* só estabelecem com a lógica relações episódicas, estranhas à sua substância. Pensar e viver dialecticamente não é seguir automaticamente a sucessão dos acontecimentos e das transformações; é esforçar-se por penetrar os recantos mais escondidos dessas transformações, aceitando alegremente o conjunto dos desafios que a realidade, na sua evolução, não cessa de pôr à reflexão do homem.

O homem dialéctico não tem respostas feitas para a maioria dos problemas que se lhe põem. Deixa-se surpreender por eles. Embora reconheça a importância

dos hábitos e dos automatismos e aceite os seus serviços, só se sente em acordo consigo mesmo — e, logo, com os outros e com os próprios objectos da sua experiência — na medida em que aceita as inovações e que, por seu lado, não pára de invocar, de inventar e de criar. A hipótese de ter mergulhado num armazém de conceitos, de impressões e de sensações para aí colher as suas experiências está completamente fora do seu universo. Ele sabe que uma ideia ou um sentimento não são objectos: uma e outro só têm consistência quando pensados de novo «aqui e agora», neste contexto concreto, na base de uma visão, de um contacto ou de uma revelação imediatas.

Resposta e interrogação são, no plano do espírito, a tradução e a expressão de dois instintos vitais que, em cada homem, se encontram em competição: o *instinto da segurança* e o *instinto do risco*. *Segurança* porque o homem é um ser de carne, essencialmente frágil, constantemente ameaçado do interior e do exterior. *Risco* porque ele é espírito; porque quer saber, conhecer; porque se quer pôr à prova a si mesmo; porque está, consciente ou inconscientemente, empenhado numa série de lutas a favor da honra e da dignidade. A *segurança* estão associadas, no plano das atitudes, o dogmatismo, a necessidade de certeza, a acumulação do capital intelectual. Ao *risco* estão ligadas todas as aventuras do espírito e, na realidade quotidiana de cada um, o lugar atribuído ao jogo e à evasão. De facto, impossibilitados de satisfazerem, cada um à sua maneira, os seus instintos de aventura, os homens e as mulheres procuram identificar-se com personagens e situações de heroísmo, onde possam dar livre curso à coragem e ao risco. Por mais fictícias que sejam essas manifestações, elas são sinal de um instinto profundamente enraizado. Para manifestar o seu poder, ele apenas espera por uma ocasião favorável: para uns, essa ocasião será a guerra; para outros, a experiência amorosa, com os seus diferentes níveis e graus; para outros ainda, o combate sindical e político.

Paul Lengrand

in «Éducation ou aliénation permanente»
Dunod — Bordas, Paris 1977

POR QUE...?

*Por que estais assim enrodilhados?
Por que continuais sem saber o que fazer
com as vossas mãos?*

*Por que vos é necessário o dinheiro e a
guerra, em vez de vos contentardes com o gra-
tuito?*

*Por que insistis em copiar livros, em vez de
abrides a boca para cantar, profetizar e contar
histórias?*

*Por que falais sem nada dizer, quando há
tanto para dizer?*

*Por que vos revestis desses semblantes sinis-
tros, quando a alegria vos convoca para a sua
mesa?*

Por que preferis a morte à vida?

Maurice Bellet
Ibidem

Publicação mensal. Assinatura anual: 100\$00; estrangeiro 180\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.^o António dos Capuchos, 4, 5.^o, Lisboa. Composição e impressão: Silves — Coop. de Trab. Gráficos, scrl.